



*Pequeno dicionário
de personagens da
história de Ilhéus
e Porto Seguro*



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

RUI COSTA - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

JERÔNIMO RODRIGUES - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

ALESSANDRO FERNANDES DE SANTANA - REITOR

MAURÍCIO SANTANA MOREAU - VICE-REITOR

DIRETORA DA EDITUS

Rita Virginia Alves Santos Argollo

Conselho Editorial:

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente

Alexandra Marselha Siqueira Pitolli

Andréa de Azevedo Morégula

Carlos Pereira Neto

Dejeane de Oliveira Silva

Elson Cedro Mira

Iracildo Silva Santos

Luciana Sedano de Souza

Lurdes Bertol Rocha

Maria Cristina Rangel

Maria Luiza Silva Santos

Maurício Santana Moreau

Raquel da Silva Ortega

Sabrina Nascimento



Pequeno dicionário de personagens da história de Ilhéus e Porto Seguro

De Pedro Álvares Cabral a
D. João de Lencastre (1500-1702)

HENRIQUE CAMPOS SIMÕES
MARCELO HENRIQUE DIAS

Ilhéus - Bahia

edits
Editora da UESC

2021

Copyright ©2021 by
HENRIQUE CAMPOS SIMÕES E MARCELO HENRIQUE DIAS

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

PROJETO GRÁFICO E CAPA
Deise Francis Krause

IMAGEM DE CAPA
kalh por Pixabay

REVISÃO
Roberto Santos de Carvalho
Maria Luiza Nora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S593 Simões, Henrique Campos
Pequeno dicionário de personagens da
história de Ilhéus e Porto Seguro: de Pedro Álvares
Cabral a D. João de Lencastre / Henrique Campos
Simões, Marcelo Henrique Dias – Ilhéus, BA:
Editus, 2021.
295 p.

ISBN: 978-65-86213-58-4

1. História – Bahia - Dicionários. 2. Ilhéus
(BA) - História. 3. Porto Seguro (BA) - História. 4.
História – Personagens. 5. Bahia – História. I. Dias,
Marcelo Henrique. II. Título.

CDD 981.42

Elaborado por Quele Pinheiro Valença – CRB 5/1533

EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028
www.uesc.br/editora
editus@uesc.br

EDITORA FILIADA À



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias


ASOCIACIÓN DE EDITORIALES
UNIVERSITARIAS DE AMÉRICA
LATINA Y EL CARIBE





Nota ao Leitor



Este dicionário resulta da trajetória de pesquisa realizada por Henrique Campos Simões, em Portugal, sobre a “História do Estado da Bahia e a criação das capitanias de São Jorge dos Ilhéus e Porto Seguro”. Naquele país, ele pesquisou em arquivos históricos e bibliotecas, reunindo acervo documental de importância singular para a história do Brasil.

Vale relatar que o trabalho teve início em 1988, com a aprovação do projeto de investigação científica, submetido ao Instituto de Cultura de Língua Portuguesa – ICALP, de Lisboa – Portugal. Então, Henrique foi contemplado, por aquele Instituto, com bolsa de investigação para desenvolver o projeto. Sob a orientação do Dr. José Pereira da Costa, à época diretor da Torre do Tombo, naquele Arquivo Nacional, iniciou a pesquisa dos documentos primários. Acrescentou a investigação no Arquivo Histórico Ultramarino, no Museu Jorge Dias e no Leite de Vasconcelos; depois, na Sociedade de Geografia, no Arquivo da Marinha, no Municipal de Évora e no Arquivo da Casa de Cadaval. Naquela primeira fase da investigação, recolheu informações e dados, fotocopiou e fez microfilmes de documentos, que sistematizou e catalogou.

Na segunda fase, em 1993, dessa vez com o apoio do Instituto Camões e a orientação do Prof. Dr. Caio César Boschi, ampliou a investigação, quando identificou, leu, analisou e reproduziu outros documentos; além de sistematizar e catalogar os dados, fotocópias e microfilmes, concluiu também a pesquisa dos documentos primários, bibliográficos, ampliando a busca na Biblioteca Nacional, Biblioteca da Ajuda, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Biblioteca da Universidade de Lisboa, Biblioteca da Universidade do Porto.

Finalmente, em 2000, já com o projeto deste dicionário então denominado “Pequeno dicionário da história de Ilhéus e Terras Descobertas”, voltou a Portugal para atualização e complementação da pesquisa. Ainda com o apoio do Instituto Camões mas, então, sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Couto, concluiu a investigação concentrando-se no século XVI, em observação de “Aspectos da História do Brasil, pós-descobrimto”.

Finalizado o projeto relativo às Capitânicas de Ilhéus e Porto Seguro, parte do material resultado da investigação (sobretudo publicações e fotocópias de livros raros) foi encaminhado ao Centro de Documentação e Memória Regional – CEDOC, da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC.

Nos anos que se seguiram, Henrique Simões chegou a produzir cerca de 600 verbetes sobre os vultos históricos pesquisados. Nesse mister, recebeu colaboração da Profa. Dr.^a Janete Ruiz de Macedo que contribuiu, aproximadamente, com cem verbetes (aqui identificados com as suas iniciais JRM). Depois, com a saúde já bem debilitada, percebendo a sua impossibilidade de concluir o trabalho, convidou o Prof. Dr. Marcelo Henrique Dias para a finalização e coautoria deste Dicionário.

Ao longo de seu percurso de pesquisa, Henrique Simões estabeleceu relações pessoais com historiadores e gestores de importantes acervos portugueses, contexto no qual articulou a integração da UESC com a Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses - CNCDP, através de um convênio Brasil - Portugal. Dentre as ações resultantes daquele convênio, no âmbito dos 500 anos do Brasil, além da realização de eventos de caráter científico e cultural, publicou artigos sobre o tema e o livro **As Cartas do Brasil**. Ilhéus, Editus, 1999; e, sob a chancela UESC/ Governo do Estado da Bahia, em parceria com Reinaldo Gonzaga, publicou uma versão em quadrinhos da Carta de Caminha: **O Achamento do Brasil – a Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D Manuel**. Ilhéus, Editus, 2000.

Nesta **Nota ao Leitor**, é imprescindível nomear as instituições portuguesas das quais Henrique Simões recebeu apoio. Além das acima mencionadas, dizer que a aquisição de livros e documentos se fez possível devido ao apoio financeiro da Fundação Calouste Gulbenkian e do Instituto Português do Livro e da Leitura da Biblioteca Nacional. Finalmente, reconhecer o incentivo à pesquisa científica da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, situada na Biosfera do Descobrimento do Brasil.

Nesta oportunidade, aqui, em nome de Henrique, agradeço às pessoas e às instituições que o apoiaram. Enquanto esposa, companheira e, também, pesquisadora, acompanhei

todo esse percurso referido; testemunhei o seu entusiasmo, dedicação e denodo pelo trabalho. Henrique Simões faleceu a 12 de julho de 2020. Pelo valor das informações reunidas neste Pequeno Dicionário, entendo que é cientificamente importante esta publicação póstuma. E, pelo que penso, é forma de tê-lo sempre lembrado. Bem como ele dizia: “só morre quem é esquecido”.

In memoriam

Maria de Lourdes Netto Simões (Tica Simões)

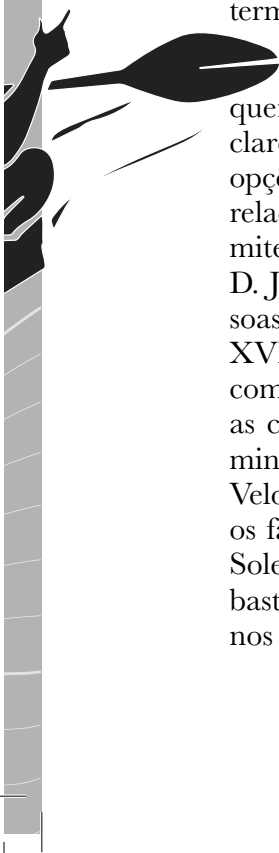
Em outubro de 2020





Apresentação

Este dicionário é fruto da idealização e da concepção do emérito professor Henrique Simões. Quando ele me apresentou, pela primeira vez, os originais, fiquei muito entusiasmado. Achei fantástica a experiência de navegar por fragmentos da história colonial de Ilhéus e Porto Seguro a partir da ação de personagens tão cuidadosamente identificados, selecionados e anotados pelo Henrique. Um presente para quem se aventura a investigar as duas capitanias nos séculos XVI e XVII, bem menos documentados em relação ao XVIII. Quando ponderou sobre a necessidade de se fazer uma revisão, tarefa que sua saúde já não permitia, logo me prontifiquei, certo de se tratar mais de prazer que de trabalho. Mas demandava trabalho também: para consolidar algumas informações, lapidar outras, eliminar repetições textuais quando um fato envolvia dois ou mais personagens e estabelecer um critério de corte temporal, já que alguns verbetes ultrapassavam o período sugerido no título. Em meio à leitura, fui sendo abduzido pela vontade de expandir alguns verbetes e de acrescentar outros personagens, ao que Henrique logo me acenou com o convite para uma coautoria. Sorte minha! Pena que o tempo não permitiu que terminássemos juntos... Foi por muito pouco.



Coube a mim fechar a obra, com a apreciação crítica da querida “Tica” (Maria de Lourdes Netto Simões). Devo esclarecer ao leitor alguns critérios de organização e algumas opções que resultaram em acréscimos ao texto original. Com relação ao corte temporal, a opção foi pela flexibilidade do limite (estabelecido no título em 1702, ano final do governo de D. João de Lancastre), permitindo a inclusão de algumas pessoas que atuaram até por volta da terceira década do século XVIII. Desse modo, comparecem figuras muito interessantes, como os sertanistas que trilharam pelos rios e matas de ambas as capitanias, a exemplo de Pantaleão Rodrigues Leme, Domingos Homem Del-Rei, João Gonçalves da Costa e Antônio Veloso da Silva, dentre outros. Também entram nessa brecha os famigerados João Figueira e Manoel Francisco dos Santos Soledade, personagens que dariam um filme e enriquecem bastante a viagem do leitor pela história. As datas informadas nos verbetes, por sua vez, dizem respeito ao período em que o

personagem viveu, permaneceu ou exerceu alguma influência nas capitanias, tal como o tempo da gestão de uma autoridade civil ou religiosa ou de uma jornada missionária, sertanista, fiscalista etc. Nos poucos casos nos quais são informados os anos de nascimento e morte (alguns jesuítas principalmente), usa-se a fonte em itálico. Os textos dos verbetes procuram ser muito fiéis às fontes originais, mantendo, na medida do possível, até mesmo o estilo narrativo dos autores consultados.

Além dos verbetes, integram o dicionário tabelas com os nomes dos governadores gerais e vice-reis do Brasil (até meados do século XVIII) e dos monarcas portugueses (todos). Foram incluídos também fragmentos de três inventários do Engenho de Santana de Ilhéus, correspondentes aos anos de 1572, 1616 e 1676. Nesses documentos são identificados, nomeados e qualificados (pelo sexo, idade, etnia, atividade laboral, estado de saúde e valor venal) os escravizados daquele Engenho, em momentos distintos que correspondem ao da transição da mão de obra escrava indígena para a africana e ao da formação de plantéis de afrodescendentes nascidos no Engenho, denominados crioulos. Se nos documentos oficiais da governança colonial ou da atividade eclesiástica poucas referências aparecem aos indivíduos que formavam a base da pirâmide social daquela sociedade escravista, nos inventários, ao contrário, emergem com destaque por conformarem a parcela mais importante do valor total da propriedade. E como os avaliadores e inventariantes tinham que justificar os preços daquelas pessoas ou sua capacidade produtiva, era necessário qualificá-las e não somente identificá-las. Daí a riqueza dessas fontes não somente para tomarmos conhecimento das pessoas pelos seus nomes, mas para apreendermos aspectos essenciais das suas conexões familiares, suas habilidades, suas doenças, suas resistências, enfim, suas táticas de vida em meio ao sistema e ao imaginário que procurava dissolver sua condição humana. A leitura das informações lacônicas dos inventários abre um mundo de impressões que certamente incomodarão o leitor, incitando-o à reflexão sobre o devir histórico das populações que formaram a maior parcela dos brasileiros de hoje, os quais seguem lutando por melhores condições de vida.

Faço um especial agradecimento - na ausência do Henrique - à Professora Dr.^a Janete Ruiz Macedo (DFCH-UESC), que colaborou preciosamente com os verbetes que identificam pessoas implicadas em denúncias e confissões à Visitação do Santo Ofício na Bahia, em 1591, cuja autoria está indicada com as suas iniciais (JRM). Desse conjunto, em torno de cem verbetes, afloram tipos desafortunados, como Águeda d'Alvernaz, moradora de Ilhéus, acusada de bruxaria; também o “meio cristão-novo” Antônio Gomes, de Porto Seguro, acusado de matar e comer porco cantarolando em uma língua estranha; ou ainda o indígena Luís (sem sobrenome), criado de D. Ana Luiza, da lagoa de Itaípe (atual Lagoa Encantada de Ilhéus), a quem pesava a prática de ato “sodomítico”, “que usa do pecado nefando, sendo paciente no lugar de fêmea”. Isso para não falar do primeiro donatário de Porto Seguro, que acabou perdendo sua capitania por dizer o que não devia (blasfêmias!). Se toda verdadeira história é história contemporânea, como afirmara o historiador e filósofo italiano Benedetto Croce, para mostrar que são as perguntas do presente que orientam as leituras do passado, o cotejo a tais situações nos adverte, em boa hora, sobre onde se pode chegar quando damos margem a ideologias opressivas, a intolerâncias raciais, religiosas ou de gênero e autoritarismos de qualquer tipo.

Por fim, quero expressar minha profunda admiração pelo professor, historiador, paleógrafo, mas, sobretudo, pela pessoa do Henrique Simões, que tão bem me acolheu na UESC quando aportei em Ilhéus, no outono de 1999. Nossas prazerosas conversas - em meio a um evento acadêmico-marítimo que me permitiu viajar e conhecer as antigas cidades e paisagens idílicas da costa entre Ilhéus e Porto Seguro - certamente me despertaram para o fascínio que veio a se consumir na fortuna de viver aqui e trabalhar com a história desse lugar.

Eterna gratidão!

*Marcelo Henrique Dias
Ilhéus, outubro de 2020.*

